

El niño con diagnóstico de hiperactividad e o rótulo: un destino?.

Peres Jafferian, Vera Helena.

Cita:

Peres Jafferian, Vera Helena (2015). *El niño con diagnóstico de hiperactividad e o rótulo: un destino?. VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXII Jornadas de Investigación XI Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-015/471>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/epma/E5H>

EL NIÑO CON DIAGNÓSTICO DE HIPERACTIVIDAD E O RÓTULO: UN DESTINO?

Peres Jafferian, Vera Helena

Centro Universitario Fieo -Osasco- Brasil

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo analizar el efecto del diagnóstico de Trastorno por Déficit de Atención e Hiperactividad -ADHD - puede tener sobre el sujeto, es decir, a menudo, como profecía autocumplida, según un estudio de Rosenthal y Jacobson (1992). En este sentido, el niño tiene capacidad para este destino experimentar la “ganancia secundaria de la enfermedad”, como Freud (1905) sugirió que remitir al paciente a recibir privilegios escasos en el papel de enfermo. En esta pesquisa no se cuestiona el diagnóstico - rótulo pero el posible efecto de la etiqueta en la vida de uno. Se trata de un estudio retrospectivo a partir de fragmentos de la atención psicopedagógica de los cinco pacientes diagnosticados con ADHD, que se sirve en el cargo. La investigación es cualitativa con un análisis interpretativa constructivo. Los datos de fragmentos obtenidos fueron tratados con referencia a las entrevistas con los padres, el niño y la escuela. Para hablar sobre la base teórica fue dada desde el trabajo de Rosenthal y Jacobson (1992) e Freud (1905, 1913). Las llamadas de los fragmentos de análisis sugiere que el diagnóstico se efecto en la vida de persona que se queda atascado en un lugar sin autonomía dirigida.

Palabras clave

Diagnóstico, La etiqueta, Hiperactividad, Psicoeducación, Profecía autocumplida

ABSTRACT

THE CHILD WITH DIAGNOSIS OF HYPERACTIVITY AND THE LABEL: A DESTINATION?

This research aims to discuss the effect that the diagnosis of Attention Deficit Disorder and Hyperactivity -ADHD -can have on the subject, in other words, a lot of times it has similarity to the self-fulfilling prophecy, as Rosenthal & Jacobson study (1992). In this sense the child often accommodates itself in this destiny experiencing the “secondary gain of the disease,” as Freud (1905) suggested when referring to the patient that receives privileges it settles in the sick role and secures to it. This research does not question the diagnosis , but the possible effect of the label in one's life. It is a study based on fragments of the educational psychology that comes from five patients diagnosed with ADHD attended in office. The research is qualitative with a constructive - interpretative analysis. The data of the fragments were treated reporting me to the interviews with the parents, with the child and the school. To the discuss the theoretical foundation was made from Rosenthal & Jacobson's work (1992) e Freud (1905, 1913).The analyse from fragments of the subjects suggests that the diagnosis has the effect in the life destiny of person who gets stuck in a place without autonomy.

Key words

Diagnosis, Label, Hyperactivity, Psychoeducation, Self fulfilling prophecy

“Ningún sujeto puede ser reducido a un sello sin desaparecer, como sujeto humano, complejo, contradictorio, em conflito permanente, em relacion com um entorno significativo” (JANIN, p.122).

Introdução

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o efeito do diagnóstico de ADHD -Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade sobre o sujeito. Parte da hipótese de que o diagnóstico, muitas vezes, é percebido como um rótulo que marca o destino do sujeito.

Ele toma como objeto para estudo fragmentos de atendimentos psicopedagógicos, retrospectivos, de crianças e adolescentes, atendidos em consultório, diagnosticados com ADHD.

A queixa de pais e professores é de que tais pacientes são agitados e não se interessam pelas atividades escolares e que tudo isto acontece porque estas crianças tem o diagnóstico do ADHD. Janin et all (2010), referindo-se ao ADHD, coloca que uma das causas mais frequentes de consultas com crianças é por causa do fracasso escolar, mas muitas vezes o rendimento escolar não tem a ver com dificuldades intelectuais e nem com déficits intrapsíquicos. A criança pode fracassar na escola por vários motivos, desde sua relação com o professor, o modo como é transmitido o conhecimento, como tal criança lida com as regras e com os valores colocados pela escola e como a família valoriza a formação que a escola ensina.

Na literatura há muitos trabalhos escritos sobre o ADHD de diferentes teóricos, com diversas posições e informações a respeito, como Reis e Santana (2011) que fizeram um levantamento bibliográfico referente à este tema e concluem que nos diferentes trabalhos analisados não há um consenso entre as várias teorias citadas. Por tudo isto os debates a respeito deste assunto devem ser sustentados por serem de grande relevância para a ciência e para um maior entendimento pela sociedade a respeito deste transtorno. Principalmente pelo grande número de crianças diagnosticadas como Reis e Santana (2011) citam... “no Brasil, estima-se que há entre 5% e 8%, ou seja, de cada 20 crianças 01 tem TDAH”. (REIS e SANTANA, 2011, P.188).

Muitas destas crianças e adolescentes diagnosticados com ADD e ADHD são medicadas com Ritalina (metilfenidato) e há diversos estudos na literatura sobre esta medicação, com várias posições sobre o uso deste medicamento. Mas nesta pesquisa não trabalharemos com esta questão.

No entanto há na literatura trabalhos de diversos autores que vão trazer elementos para pensar o sujeito, com o diagnóstico de ADHD, de outras maneiras como Goldstein & Goldstein (2004), que propõem um diagnóstico baseado na história de vida do sujeito e que não o rotule; e enquanto, numa abordagem comportamental Leonard et all (2010) argumentam sobre a etiologia deste transtorno bem como os aspectos dos comportamentos dos sujeitos diagnosticados com ADHD e Moysés (2001) discute os dados obtidos nas suas pesquisas realizadas com crianças-que-não-aprendem.

A partir da psicanálise, Crochik e Crochick (2010) abordam este transtorno como produto da cultura em que vivemos; Janin (2010)

discute o ADHD e suas implicações na vida das crianças e propõe, através de sua prática clínica, intervenções que possibilitem a construção da autonomia destes sujeitos rotulados, e finalmente Levin (1995) que argumenta sobre a hiperatividade da criança enquanto possibilidade de ser olhada pela mãe.

O eixo de reflexão deste trabalho gira em torno de conceitos como “profecia auto realizadora” estudada por Rosenthal & Jacobson (1992); “ganho secundário da doença” e de “exceção” propostos por Freud (1905,1916). E toma a intervenção psicopedagógica levando em conta o sujeito que aprende e não o sintoma. Dessa maneira, reiteramos que o objetivo do trabalho é tão somente discutir o efeito do diagnóstico sobre o sujeito e não a discussão do diagnóstico.

O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade- ADHD

A instabilidade psicomotora ou hiperatividade que é um dos sintomas presentes hoje no ADHD vem sendo estudada desde o século XIX, segundo Ajuriaguerra (1980) e obteve várias denominações, ao longo do tempo, tais como síndrome da criança com lesão cerebral, síndrome da criança hiperativa, disfunção cerebral mínima, agitação e mais recentemente transtorno de déficit de atenção com ou sem hiperatividade. O mesmo autor relata ainda que o termo “Disfunção Cerebral Mínima - DCM” foi criado após várias discussões, sendo criticado por sua natureza controversa e imprecisa, embora tenha sido muito utilizado e aberto caminho para as terapias farmacológicas, especialmente com o uso do metilfenidato.

A Associação Americana de Psiquiatria (APA), que desenvolve o Manual de Diagnóstico e Estatístico das Perturbações Mentais - DSM, atualmente na 5ª edição, DSM-V, na qual após várias revisões de estudos a este respeito, denominou o ADHD como “distúrbio de comportamento”, ou seja um transtorno que parece provocar uma alteração no comportamento e na capacidade de manter a atenção, Deste modo não se trata de uma disfunção.

Os diagnósticos do ADHD são baseados, nas manifestações comportamentais dos pacientes, a partir de critérios diagnósticos determinados pelo DSM.

Há também diagnósticos que são baseados na Classificação Internacional de Doenças- CID, desenvolvido pela Organização Mundial de Saúde - OMS, que em sua 10ª edição, o CID-10, define os critérios para o ADHD sob o termo Transtorno Hipercinético.

Para Goldstein e Goldstein (2004) uma avaliação minuciosa do Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade - ADHD deve incluir informações sobre o estado clínico do paciente; do seu histórico de vida; do seu desenvolvimento; da sua personalidade; do seu desempenho escolar desde o início da vida escolar; do relacionamento com os amigos e com os professores e, finalmente, como se comporta em casa e na escola. Assim estes autores propõem que na avaliação deve-se investigar como o paciente funciona e o porquê de tais comportamentos distinguindo quando é por falta de capacidade e quando é por desobediência, e ressaltam ainda que nas entrevistas com os pais deve ficar claro que:

O objetivo da avaliação não é classificar seu filho ou decidir sobre um tratamento em particular (por exemplo, a medicação). Um diagnóstico de hiperatividade não implica que qualquer tratamento especial seja necessário. É tolice supor que qualquer tratamento isolado pode solucionar todas as dificuldades da criança em todas as situações. A maioria dos problemas vivenciados por uma criança hiperativa não pode ser evitada, porém eles podem ser eficientemente administrados (GOLDSTEIN e GOLDSTEIN, 2004, p.49).

O rótulo

Atualmente muitas crianças diagnosticadas com ADHD são ro-

tuladas pela família e pela sociedade e ficam presas a um lugar sem autonomia, como um destino, como sugere Armstrong (*apud* LEONARDI et all, 2010 p.116) “ que o diagnóstico do ADHD é uma patologização de crianças normais, cujo rótulo traz consequências desastrosas por se tornar, muitas vezes, uma profecia autorrealizadora”. Este autor observa ainda que tais crianças, não correspondem ao que é esperado, e muitas vezes são influenciadas negativamente pelas expectativas de pais e professores que imaginam que elas não terão êxito na vida escolar e social.

Assim inicia-se um processo de rotulação, na vida destas “crianças-que-não aprendem” (MOYSES, 2001) que pode vir a ser um destino na vida delas.

O rótulo muitas vezes é atribuído rapidamente, tornando-se uma descrição exata desta pessoa e pode vir a ser um caminho sem volta, como um destino, com danos que perduram na vida do sujeito. Como OAKES (*apud* TAUBER, 1997, pg.30-31)[1][i].observou

“uma vez que rotulamos uma pessoa, mudamos a nossa opinião sobre esta pessoa. Isto afeta como nós agimos e reagimos em relação a ela. Rotular é fácil. Nós não temos como conhecer a pessoa. Nós apenas supomos como a pessoa é.”

Esta forma de pensar está na base do preconceito porque quando não se conhece bem alguém não se pode saber o porquê de suas atitudes. Como o aluno que não presta atenção na aula e não faz lições, passa uma imagem para o professor de desinteressado e assim será tratado como tal, não mostrando suas capacidades.

No entanto na minha prática psicopedagógica percebe-se que se estas crianças tiverem oportunidades construtivas mostrarão suas reais capacidades.

2 - A Profecia auto realizadora, o ganho secundário e a exceção

Na literatura encontramos os estudos referentes à “profecia auto realizadora ou self fulfilling prophecy”, de Rosenthal & Jacobson (1992), que, através das pesquisas realizadas com professores e alunos, mostram como a expectativa que o professor tem de seu aluno vai influenciar o rendimento escolar deste sujeito nas situações escolares e sociais. Assim a partir do que o professor espera de seu aluno, é o que será mostrado por ele. Os mesmos autores, em sua pesquisa, denominada, “Efeito Pigmalião”, mostram ainda, que o comportamento das pessoas é determinado por regras e expectativas que podem prever como as pessoas vão se comportar em dada situação. E, a partir deste comportamento que se repetirá em várias situações faz com que, naturalmente, este sujeito seja rotulado por quem convive com ele, e este rótulo poderá ocupar o lugar de destino em sua vida.

O conceito de profecia auto realizadora, segundo Tauber (1997) foi usado pela primeira vez por Merton que estudou como a influência sobre algo que se diz faz com que aconteça. E o mesmo autor chama a atenção sobre a importância de se saber o que é esta profecia, sua definição e de como este “efeito Pigmalião” pode refletir na vida das pessoas.

Desta maneira é importante que o professor esteja atento aos seus alunos para não criar expectativas falsas baseadas em alguns comportamentos deles. Pois o aluno será visto pelo professor como parece ser e não como é, assim poderá ficar num lugar sem autonomia. As consequências para estes alunos podem ser irreversíveis modificando seu modo de se expressar socialmente e cognitivamente. O mesmo autor, Tauber (1997), descreve ainda em seu livro como a profecia auto realizável tende a determinar comportamentos e regras de acordo com vários fatores como o nível sócio- econômico, raça, sexo, nível de escolaridade e necessidades especiais entre outros. E, também se refere a esta profecia

como um fenômeno mundial, a qual acontece em muitos países, referindo-se principalmente ao modo que os professores tratam seus alunos, de acordo com o sexo, a raça e a etnia.

Outra maneira de ver a questão vem da psicanálise no texto “as exceções” em que Freud (1913) coloca que o sujeito, por apresentar alguma deficiência ou má formação, culpa a natureza pelos seus males considerando-se assim uma exceção. Por isso aspira ser tratado como um eu ideal e merecedor de todas as regalias aproveitando-se desta situação mesmo que não seja construtiva em sua vida. Conforme Freud cita “sem dúvida é verdade que cada um gostaria de se considerar uma exceção e reivindicar privilégios em relação aos demais”. (FREUD, 1913, p.3). Num outro texto sobre “o ganho secundário da doença” Freud (1905) coloca que apesar da dificuldade que a doença traz há também um ganho, pois o doente recebe a atenção e a preocupação do outro, como a criança com ADHD que não quer fazer as suas obrigações na escola e por isto os pais e professores, muitas vezes, fazem por elas. Assim a criança coloca-se no papel de exceção parecendo obter um ganho secundário, por ser considerada diferente, a despeito do ônus que isso lhe traz.

O trabalho psicopedagógico

O trabalho psicopedagógico, do ponto de vista deste artigo, se constitui como atividade que trata do sujeito em situação de aprendizagem. Tal postura indica que este trabalho não trata diretamente do sintoma e nem da transmissão do conhecimento, mas sim do sujeito em sua complexidade. A aprendizagem acontece tomando em conta a criança, a atividade que faz e o psicopedagogo em diferentes momentos do processo.

Na mesma linha Janin (2010) propõe que ao falar de aprendizagem escolar devemos levar em conta as condições internas da criança, a relação com o professor (transferência), o método da escola e a valorização social da aprendizagem. A mesma autora sugere que aprender é como entrar em lugares desconhecidos, algo como se apropriar e se arriscar num movimento de busca, de fazer perguntas, e que para querer saber deve haver o desejo. E também que no processo de aprendizagem há três momentos lógicos fundamentais, que acontecem juntos, que são a atenção - marcada por um acervo de representações e elaborações já realizadas-, a memória-que grava o que aprendeu- e a elaboração como organização dos novos pensamentos. Janin considera, ainda que, “para aprender algo temos que prestar atenção, concentrarmos neste tema, sentir curiosidade por isto, para desarmá-lo, desvendá-lo, quebrá-lo para traduzi-lo em nossas próprias palavras, reorganizando-o e apropriando-nos dele para podermos usá-lo em diferentes circunstâncias.” Janin (2010, p.32).[ii]

Método

Trata-se de um estudo a partir de fragmentos dos atendimentos psicopedagógicos retrospectivos de quatro pacientes, diagnosticados com ADHD, atendidos em consultório particular de psicopedagogia.

A pesquisa é qualitativa com uma análise construtivo-interpretativa e discute o efeito que o diagnóstico pode ter sobre o sujeito, ou seja, ele muitas vezes, à semelhança de profecia auto realizadora, conforme estudo de Rosenthal & Jacobson (1992), fixa um destino para o sujeito que acaba agindo conforme o que é esperado dele. Neste sentido a criança muitas vezes se acomoda a este destino experimentando o “ganho secundário da doença”, como coloca Freud (1905) ao se referir ao doente que por receber privilégios se

acomoda no papel de doente e se fixa nele.

Inicialmente, o projeto de pesquisa foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário FIEO - Osasco/SP, o qual foi aprovado com o nº CAAE 22156113.6.0000.5435 em 30/10/2013 pelo parecer nº 441.321. Os representantes legais dos participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para autorizar o uso dos dados dos atendimentos destes pacientes, já que o trabalho psicopedagógico realizado com tais pacientes havia sido concluído.

Materiais:

Os materiais utilizados nesta pesquisa foram os fragmentos de atendimentos dos cinco participantes; as minhas anotações dos atendimentos e das anotações das entrevistas realizadas com os pais e com os profissionais da escola.

Procedimentos

Para efeito de melhor compreensão trata-se dos fragmentos coletados reportando-se às entrevistas com os pais, com a criança e com a escola salientando o efeito de destino dado ao diagnóstico. Para a discussão o embasamento teórico será a partir do trabalho de Rosenthal & Jacobson, pelo conceito da profecia auto realizadora, e também pelas contribuições da psicanálise, de Freud pelo viés do sujeito, como exceção e pelo ganho secundário da doença, e por demais autores que uso neste trabalho.

Resultados e discussão

Relato alguns fragmentos de relatos, da criança, dos pais e professores.

Renata disse: *Eu sei que sou diferente porque sou hiperativa e por isto preciso de aula particular para fazer as lições de casa.*(sic)

A mãe de Paulo disse: - *Agora que sei que o diagnóstico é ADHD, o que eu e os professores já suspeitávamos vamos ter que ajudá-lo a se organizar e talvez Paulo faça provas diferentes para ele conseguir passar de ano.* (sic)

Nestas vinhetas percebe-se o efeito do diagnóstico como profecia auto realizadora que faz Renata e Paulo serem tratados pelo que parecem ser, pelo rótulo, e não pelo que são e pela capacidade que têm.

- A orientadora de Paulo relata: “Ele era desatento e não queria ficar na sala de aula e saía da classe. Era hiperativo e quando eu o chamava na minha sala para conversarmos ele não ficava sentado e se movimentava pela minha sala.

- o professor de Renata relata: “por ter o laudo com diagnóstico de hiperatividade, a aluna tinha privilégios como não entregar os trabalhos.” (sic)

- o orientador de Marcelo relata: “E agora com o diagnóstico de ADHD ele vai ser medicado com Ritalina, e daí vai ficar mais adequado em sala de aula”. (sic)

- a professora de José relata: “sei que ele é assim por causa do ADHD, coitadinho. Mas eu o ajudo”. (sic)

-a professora de Maria relata: “na hora de fazer a lição de casa com elas Maria pede ajuda e se recusa a fazer sozinha, e recebe ajuda porque nós ficamos com pena porque ela tem ADHD” (sic), referindo-se às professoras que ficavam com Maria à tarde.

Na maioria dos fragmentos percebe-se que os sujeitos recebem regalias por serem hiperativos e por isto aproveitam desta situação, de doente, e ficam neste lugar por receberem privilégios, e não mostram o que são capazes, o que vem de encontro ao que Freud

diz sobre “o ganho secundário da doença” que o paciente não quer, inconscientemente, sair do lugar de doente por receio de perder os privilégios que a doença proporciona.

No entanto estas crianças e adolescentes rotuladas que apresentei nesta pesquisa, durante o acompanhamento psicopedagógico, nos momentos de jogo, de atividades de leitura, em desenhos e estórias e com a intervenção da psicopedagoga puderam, no seu ritmo, mostrar suas capacidades. Deste modo, Paulo, Maria e José conseguiram escolher pela construção de sua autonomia e não pelo determinismo do rótulo como destino.

Assim percebe-se que no acompanhamento psicopedagógico, com a intervenção do psicopedagogo, o sujeito ativo, pode construir sua autonomia, através de oportunidades para desenvolver a criatividade e se apropriar do saber, buscando sentido no aprender. Cabe ao psicopedagogo levar o sujeito em conta, a sua história de vida e as suas angústias.

Considerações finais

A questão do ADHD deve ser amplamente discutida com os profissionais da escola - diretores, orientadores e professores- tendo em vista que em muitas escolas, conforme dados obtidos nesta pesquisa, o diagnóstico médico funciona como destino da criança. Isto é, o laudo médico vai ser o orientador do rumo da criança na escola como uma profecia auto realizadora, como posto neste trabalho. Assim estes alunos rotulados ficam no lugar de incapazes, sem autonomia e não correspondem ao esperado pelos professores. O aluno não é ouvido como sujeito e sim como sintoma.

A escola teria que ter como tarefa entrar em contato com os alunos, mas a partir do diagnóstico a tendência da escola é olhar pela ótica do diagnóstico e deixa o sujeito num lugar de incapaz.

Evidencia-se assim a importância dos profissionais da educação e da saúde envolverem-se por uma ética se colocando num lugar onde possam ver o sujeito, com suas outras capacidades escondidas atrás do rótulo, colaborando para a desconstrução deste rótulo que o impede de ser um sujeito autônomo.

Um dado importante que pode surgir deste trabalho é que o professor não se fixe tanto no sintoma e sim nas capacidades do sujeito.

NOTAS

[1] ... “Once we label a person, it shapes our view of the person. It affects how we act and react toward the person. Labels are easy. We don’t have to get to know the person. We can just assume what the person is like.” tradução livre desta autora.

[i] ... “Once we label a person, it shapes our view of the person. It affects how we act and react toward the person. Labels are easy. We don’t have to get to know the person. We can just assume what the person is like.” tradução livre desta autora.

[ii] ...”para aprender algo tenemos que poder atender, concentrarnos en ese tema, sentir curiosidad por eso, luego desarmarlo, desentrañarlo, romperlo para traducirlo em nuestras propias palabras, reorganizándolo y apropiándonos de él como para poder usarlo em diferentes circunstancias. “ tradução livre desta autora

REFERÊNCIAS

- Ajuriaguerra, J. de Manual de Psiquiatria Infantil. Rio de Janeiro. Editora Masson do Brasil Ltda, 1980.
- AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION. DIAGNOSTIC AND STATISTICAL MANUAL OF MENTAL DISORDERS - DSM-5. 5TH ed. Ed. Washington: American Psychiatric Association, 2013.
- Crochik, L.J. e Crochick, N. A. Desatenção Atenta e a Hiperatividade sem ação. Em Medicalização de Crianças e Adolescentes. Conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos. São Paulo. Casa do Psicólogo. 1ª edição. p.179-191. 2010.
- Freud, S. Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico. Rio de Janeiro. Ed. Imago. (Edições Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud). 1916.
- Freud, S. Fragmentos da análise de um caso de histeria (O Caso Dora). Rio de Janeiro. Editora Imago. (Edições Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud)-Trabalho publicado em 1905 vol.
- Goldstein, M. & Goldstein, S. Hiperatividade. Como desenvolver a capacidade de atenção da criança. Campinas - S.P. Papyrus Editora. 2004.
- Janin, B. et al. Niños desatentos e hiperactivos ADD/ ADHD - Reflexiones críticas acerca del Trastorno del Deficit de Atencion com o sin Hiperactividad. Buenos Aires- Argentina, Noveduc libros. 2010.
- Levin, E. A Clínica Psicomotora - O corpo na linguagem. Petrópolis - Rio de Janeiro. Editora Vozes, 1995.
- Leonardi, J.L., Rubano D.R. e Assis, F.R.P. de. Subsídios da análise do comportamento para avaliação de diagnóstico e tratamento do transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) no âmbito escolar. Em Medicalização de Crianças e Adolescentes. Conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos. São Paulo. Casa do Psicólogo. 1ª edição. 2010. p.111-130.
- Merton, R.K. The selffulfilling prophecy. Antioch Review. 8, 1948.
- Moyses, M.A.A. A Institucionalização Invisível crianças que não - aprendem-na-escola. Campinas - São Paulo. Mercado de Letras Edições e Livraria Ltda, 2001.
- Reis, G.V. e Santana, M.S.R. Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH): doença ou apenas rótulo? Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul- An. Sciencult Paranaíba v. 2 n. 1 p. 188-195. 2010.
- Rosenthal, R., & Jacobson, L. Pygmalion in the classroom: teacher expectation and pupils intellectual development. Newly Expanded Edition. USA. Crown House Publishing Limited. 1992.
- Tauber, R.T. Self- Fulfilling Prophecy. A Practical Guide to Its Use in Education. Praeger Publishers. Westport . Estados Unidos da America, 1997.